

O ENSINO REMOTO E A FORMAÇÃO DO BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: (RE)EXISTINDO EM MEIO A INSATISFAÇÕES, SABERES E APRENDIZADOS

REMOTE TEACHING AND THE FORMATION OF THE BACHELOR IN PHYSICAL EDUCATION: (RE) EXISTING IN THE MIDST OF INSATISFATIONS, KNOWLEDGE AND APPRENTICESHIP

Pedro Henrique Silvestre Nogueira 1

Raphaell Moreira Martins 2

Heraldo Simões Ferreira 3

Daniel Valério Martins 4

Resumo: Este estudo teve como principal objetivo analisar as implicações das aulas remotas na formação dos acadêmicos de um curso de bacharelado em Educação Física em uma Instituição de Ensino Superior, localizada no município de Aracati-CE. O direcionamento metodológico se aprofundou na abordagem qualitativa. Participaram do estudo dezenove acadêmicos que responderam a um questionário eletrônico estruturado em três blocos de perguntas. Os resultados mostraram que as insatisfações dos acadêmicos com as aulas remotas ocorrem por haver dificuldades de aprendizagem, fragilidades na comunicação e interação com os professores do curso; as aulas práticas e estágios supervisionados surgem como atividades mais afetadas. Como principais possibilidades de aprendizagem, os acadêmicos apontam para uma dimensão humanista na atual formação. Conclui que é imprescindível a discussão de como será a retomada do ensino presencial no tocante as aulas práticas de Educação Física, pois falta um discurso mais assertivo das autoridades científicas no campo da Educação Física.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Educação Física. Formação Inicial. Bacharelado.

Abstract: The main objective of study was to analyze the implications of remote classes in the formation of students of a bachelor's degree in Physical Education at a Higher Education Institution, located in the municipality of Aracati-CE. The methodological direction was based on the qualitative approach. Nineteen students who answered a questionnaire structured in three blocks of questions participated in the study. The results showed that the students' insatiation occur so that there are learning difficulties, weaknesses in communication and interaction with the teachers of the course; practical classes and supervised internships emerge as the most affected activities. As main learning possibilities, academics point to a humanistic dimension in the current formation. It concludes that it is essential to discuss how the resumption of face-to-face teaching will be regarding physical education practical classes, because there is a lack of a assertive discourse of the authorities in the field of Physical Education.

Keywords: Remote Teaching. Physical Education. Initial Training. Bachelor Degree.

- 1 Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em licenciatura em Educação Física (FAMETRO). Professor no Centro Universitário UNIJAGUARIBE e cursa o programa de doutorado em Antropologia pela Universidad de Salamanca (USAL), Espanha. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE/UECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5089836092482040>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1533-9387>. E-mail: pedrohenrique.livia91@gmail.com
- 2 Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro). Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário (UNIFANOR). Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará campus Baturité (IFCE) e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7893644875444364>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6988-7795>. E-mail: raphaell.martins@ifce.edu.br
- 3 Pós-doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro). Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Educação em Saúde pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e graduado em Educação Física (UNIFOR). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará., atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Docente e vice coordenador do Curso de Mestrado Profissional Ensino da Saúde (CMEPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4687823647729315>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1999-7982>. E-mail: heraldo.simoes@uece.br
- 4 Pós-doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidade Intercultural Indígena de Michoacan (UIIM). Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Doutor em Educação pela Universidad de Burgos. Doutor em Antropologia pela Universidad de Salamanca. Professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica (PPGENEB) do Instituto Federal Goiano. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>. E-mail: jfadelino@hotmail.com

Introdução

Surgida no ano de 2019, na capital Wuhan, uma província da China, a Covid-19 causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) tornou-se responsável pela maior crise sanitária já enfrentada nos últimos tempos. Considerada como uma infecção respiratória, potencialmente grave e de rápida transmissão, os primeiros vírus dessa família em humanos foram identificados ainda em 1964, sendo denominados de coronavírus pela semelhança com o formato de coroa, quando observados em microscópio (GONÇALVES; LOPES; SANTOS, 2020).

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado no mês de fevereiro de 2020. Desse período em diante, as entidades governamentais iniciaram ações de enfrentamento à pandemia, como a determinação do isolamento social e uma tentativa de quarentena. Vários setores, dentre eles o setor da Educação, tiveram de paralisar as atividades presenciais com o intuito de evitar a possível circulação e propagação do vírus.

Com o olhar direcionado para o cenário educacional, as instituições de ensino passaram a buscar soluções para se adaptarem a essa nova realidade visando, a todo custo, assegurar que o calendário escolar não fosse suspenso ou até mesmo cancelado. A respeito desse período pandêmico, o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria de nº 343, de 17 de março de 2020, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais enquanto durar a situação de pandemia. Em seu artigo 1º autoriza “[...] em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação [...]” (BRASIL, 2020, p. 39).

Nessa esteira, o “ensino remoto”, que preconiza um calendário e conteúdos flexíveis, foi empregado pelas instituições educacionais como uma tentativa de “virtualização” do ensino presencial, utilizando-se de Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC), além de aplicativos, redes sociais e outros dispositivos digitais. Pelo caráter emergencial desse ensino remoto, observou-se um espelhamento do que se tinha de mais retrógrado da Educação a Distância.

Na prática, se possuía uma mentalidade docente fixa aos preceitos tradicionais do ensino presencial, mas a relação ocorria por plataformas digitais. Para Martins e Silva (2020), esse contexto proporcionou a última evidência do fracasso da Educação Bancária, na qual os professores enviavam material didático, em muitas situações não elaborados pelos próprios docentes, para cumprir uma carga horária, e os alunos devolviam essas atividades sem a devida reflexão crítica da apropriação e tematização dos objetos de conhecimento acessados.

Vale ressaltar que nesse contexto de incertezas, os estabelecimentos de ensino tiveram “certa autonomia” para se adaptarem ao ensino remoto. Muitas decisões foram tomadas em todo cenário nacional com o intuito de proporcionar uma educação para além do entretenimento pedagógico, como a experiência da Universidade de Campinas (UNICAMP), que, sinteticamente, pôs em prática um plano de ação destacando o apoio digital aos acadêmicos, intensificando a preparação dos docentes a cursos sobre ferramentas digitais e modificando os processos avaliativos (AMARAL; POLIDORO, 2020).

Desta feita, pautamos nossa discussão na intenção de nos debruçarmos sobre a forma como vem ocorrendo as aulas de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de iniciativa privada, localizada na região litorânea do Estado do Ceará. Acreditamos que o ensino remoto ocasionou grandes inovações e rupturas em uma área de ensino que é, essencialmente (ainda que não totalmente), caracterizada pela dimensão prática, ou de um saber-fazer, que pode se desdobrar para um saber ensinar a fazer (BRACHT; ALMEIDA, 2008).

Vale destacar que, para a continuidade das aulas, a referida IES passou a utilizar um currículo temporário padronizado para todos os cursos, independentemente da área de conhecimento ou de suas especificidades, o que ficou denominado de “Trilha da Aprendizagem”. Esse currículo ou tentativa de organização curricular, em termos didáticos, consiste na pré-elaboração de aulas que passaram a ocorrer com a utilização de atividades síncronas e assíncronas¹.

As atividades síncronas ocorrem por meio da plataforma *Google Meet*, sempre com aulas expositivas de no máximo 90 minutos, sendo os conteúdos apresentados por meio de *Power point* e

1 Sobre esse assunto ver (PIFFERO *et al*, 2020).

distribuídos em até dez *slides*. No tocante às atividades assíncronas, exceto as disciplinas de Estágio Obrigatório, faz-se imprescindível a participação dos discentes nos recursos disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da instituição, que se encontra formatado com exercícios de quatro questões, sendo três objetivas (modelo ENADE²) e uma dissertativa sobre o assunto estudado em cada aula, além de um material complementar, denominado de “Saiba Mais”, em que os professores foram orientados a postarem nessa plataforma links de vídeos disponibilizados no *Youtube*, artigos ou capítulos de livros pertencentes às bibliotecas virtuais da instituição.

Faz-se importante assinalar que termos como trilhas, oficinas, disciplinas extracurriculares se adequaram à lógica de flexibilização e precarização na qual o ensino remoto se assentou. A ideia de inovação e reinvenção amplamente difundida no contexto pandêmico trouxeram à tona um descompromisso com o acesso tematizado crítico e calcado nas grandes questões sociais que a educação deve promover. Ademais, algumas instituições particulares, principalmente, não tiveram cautela para tomar decisões nos rumos das suas estratégias pedagógicas, somando-se a isso o fato de o Ministério da Educação ter se eximido da responsabilidade de construir planos efetivos, em trabalho colaborativo com as redes de ensino para promover um acesso ao conhecimento que não negasse a desigualdade social brasileira e o momento conflituoso que a pandemia gerou.

Portanto, elencamos como objetivo primário desse estudo: analisar as implicações das aulas remotas na formação dos acadêmicos do curso de bacharelado em Educação Física de uma IES privada; como objetivos secundários, especificamos os seguintes: identificar as dimensões da formação dos acadêmicos mais afetadas devido no período do ensino remoto; compreender os saberes e aprendizados proporcionados pelo ensino remoto.

Metodologia

Tipo de estudo e Abordagem da pesquisa

Por possibilitar a compreensão de como um determinado fenômeno surge, desenvolve-se e evolui em sua dinâmica natural, foi dada preferência pelo estudo de caso descritivo. Os estudos de caso também são considerados verdadeiros “pontos fora da curva”. Nesse sentido, o principal fator que justifica tal escolha se deu por tratar-se de uma experiência restrita somente à instituição na qual os acadêmicos pertencem, ou seja, gira em torno do surgimento da Trilha da Aprendizagem em decorrência do ensino remoto e suas implicações na atual formação em Educação Física. Vale destacar também que neste tipo de estudo é possível, além de descrever ações e comportamentos dentro das circunstâncias singulares que se manifestam, interpretar linguagens e representações, analisar interações e captar significados (ANDRÉ, 2013).

Podemos dizer que este estudo foi de natureza qualitativa, pois de acordo com Minayo e Costa (2018), um estudo qualitativo consiste em construir informações convenientes a determinado objeto de investigação, não se pautando em uma estrutura rígida, mas em que se predomina a criatividade dos pesquisadores. Independente dos instrumentos e técnicas empregadas, essa abordagem não permite interpretações superficiais do objeto investigado. Aborda, sobretudo, “fenômenos que envolvem seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p. 21).

Local e período do estudo

Como já exposto, esta pesquisa foi ambientada em uma IES de iniciativa privada, localizada no município de Aracati/CE. A “Terra dos Bons Ventos”, como é conhecida, fica a uma distância de 167 km da capital Fortaleza. O período para sua concretização ocorreu entre os meses de abril a novembro de 2021.

2 De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) avalia o rendimento dos concluintes em cursos superiores no que se refere aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes.

A respeito da IES, frisamos que esta iniciou suas atividades em meados de 1999. Com base em informações coletadas em seu site oficial, a instituição tem notória contribuição para o desenvolvimento local, possibilitando a autonomia e o sentimento de pertença à comunidade que ao longo de toda sua evolução, testemunhou o crescimento urbano e social na região. Atualmente, possui 16 cursos presenciais ofertados em seus cinco polos, construídos nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte.

Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa 19 acadêmicos do curso de bacharelado em Educação Física. Para a designação/escolha/delimitação desses sujeitos, foi preciso que estes atendessem pelo menos três requisitos, a saber: estar matriculado no curso de Educação Física, frequentar as aulas de forma efetiva e assinalar a opção que caracteriza o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para melhor evidenciar o município de Aracati no universo da pesquisa científica e ao mesmo tempo preservar o anonimato dos colaboradores, optamos por fazer relação com elementos da geografia do município. Neste caso, substituímos os nomes dos colaboradores pelos nomes dos principais bairros de Aracati. Destacamos que embora não ocorrido nesta investigação, esta estratégia metodológica possuiu o intuito de evitar possíveis danos ou insatisfações aos envolvidos.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico³ do tipo *survey* disponibilizado via *e-mail* e *WhatsApp*. De acordo com Monteiro e Santos (2019), quanto mais variedade de informações que forem coletadas por um determinado instrumento, maiores serão as formas de compreender e tecer juízo de valor.

Asseveramos que o questionário foi disponibilizado a um grupo de professores pesquisadores de um grupo de pesquisa vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE) para realização de um pré-teste e, por ventura, evitar possíveis erros no ato das respostas dos colaboradores. Sobre o uso deste instrumento em pesquisas científicas, Carlomagno (2018, p.50) pontua que não resta dúvidas “de que *surveys online* são um método que oferece alto potencial e oportunidades [...] Reconhecendo seus limites, muitas pesquisas podem ser conduzidas satisfatoriamente, dentro de seu propósito restrito”.

Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos por meio do questionário eletrônico, fizemos uso da técnica de Análise de Conteúdo (AC). Segundo Vosgerau, Sant’Anna e Meyer (2017), antes de analisar estes dados é preciso uma preparação inicial seguida da organização dos mesmos para, só então, proceder-se à delimitação destes por meio de um processo conhecido como codificação e condensação dos códigos.

A utilização da análise de conteúdo nas pesquisas científicas resume-se a responder as indagações do tipo: o que significa exatamente esta mensagem? Qual seu sentido? Para tanto, essa análise compreende um conjunto de técnicas e estratégias cujo objetivo fundamental é a busca do sentido do material analisado (CAMPOS, 2004).

Não é o intuito deste trabalho descrever fielmente todas as análises e os procedimentos empregados, mas vale lembrar que para sua feitura, tornou-se imprescindível a organização dos dados obtidos nas respectivas fases: pré-análise do material; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

³ Questionário on-line da pesquisa intitulado ‘Implicações das aulas remotas’. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdSQHhnRcrjFR9MBWby5Mjgj6RAI4qYDBE59mdBGqcAk9COLg/viewform>. Acesso em: 10 out. 2021.

Aspectos éticos

Para a realização deste trabalho investigativo fez-se oportuno apresentar aos participantes as verdadeiras finalidades, assim os informamos que sua participação somente seria assegurada com a confirmação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explícito no enunciado do questionário. De acordo com a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual considera que a ética em pesquisa implica a devida proteção dos participantes, uso do material coletado foi destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa.

Resultados e discussão

Neste momento nos debruçamos sobre o que foi encontrado nas respostas dos acadêmicos. Para fins de organização, estruturamos o questionário em três blocos de perguntas que contemplaram: o perfil dos colaboradores, as implicações das aulas remotas e a formação em Educação Física, como visualizado a seguir.

Perfil dos colaboradores

A análise do perfil dos acadêmicos nos permitiu ter uma dimensão da propriedade de conhecimentos e experiências que eles já possuem do curso de Educação Física e sobre aspectos gerais de suas trajetórias na instituição, pois já vivenciaram o ensino antes de ser mediado por tecnologias digitais e a maioria já soma experiências, tais como a realização de ao menos um estágio obrigatório e “disciplinas” de formação geral, como podemos visualizar no quadro a seguir:

Quadro 01. Perfil dos acadêmicos.

Nome fictício	Idade	Atual semestre	Município onde reside	Atividade profissional
Várzea da Matriz	20 anos	5°	Fortim	Não exerce
Campo Verde	23 anos	7°	Aracati	Não exerce
Farias Brito	22 anos	7°	Beberibe	Não exerce
José de Alencar	21 anos	5°	Beberibe	Estagiário
Alto da Cheia	22 anos	4°	Aracati	Não exerce
Aterro	20 anos	2°	Aracati	Não exerce
Boca do Forno	21 anos	7°	Aracati	Sim (não especificou)
Cacimba do Povo	21 anos	6°	Beberibe	Não exerce
Campo Verde	38 anos	8°	Aracati	<i>Personal Trainer</i>
Canoa Quebrada	19 anos	4°	Beberibe	Não exerce
Castelo	22 anos	6°	Beberibe	Estágio
Cohab	26 anos	6°	Beberibe	Assistente Social
Córrego do Rodrigues	23 anos	8°	Jaguaruana	Não exerce
Pedregal	29 anos	8°	Aracati	Auxiliar administrativo
Largo da Cruz	24 anos	7°	Beberibe	Garçonete
Vila Marítima	42 anos	6°	Icapuí	Sim (não especificou)
Vila São José	22 anos	6°	Beberibe	Sim (não especificou)

Porto Canoa	22 anos	6°	Aracati	Vendedora
Santa Tereza	23 anos	8°	Aracati	Auxiliar de Laboratório

Fonte: Elaboração própria (2022).

Observamos que os acadêmicos possuem um perfil homogêneo: idades similares, cuja média foi de 24 anos se somarmos todas elas e dividirmos pela quantidade de participantes; dezesseis acadêmicos, em seus percursos formativos, já concluíram mais da metade do curso e estão se encaminhando para os últimos semestres. Isso significa que partilham vivências semelhantes e, por último, a maioria reside no mesmo município em que a IES está instalada (Aracati) ou em Beberibe, município circunvizinho.

Com base em estudos clássicos de Maschio *et al.* (2009), as principais motivações dos discentes brasileiros ingressarem nos cursos de Educação Física estão atreladas a suas trajetórias individuais, ancoradas em três principais situações: gosto pelo esporte, identificação com o curso e conexão com a área da saúde.

Sendo que a prática ou o gosto pelo esporte se consolida como o principal motivo pela escolha da Educação Física como palco para futura profissão, porém a maioria dos estudantes não aspira ser professor de Educação Física, pois quando confrontados com a decisão de escolher a profissão, optam pelas que são mais familiares, como treinadores e auxiliares técnicos. Outro motivo foi pela identificação com o curso, uma vez que a opção pelo conhecimento sobre o curso e o gosto pela profissão tiveram relação com suas vivências ao longo da trajetória na educação básica; e por fim, a relação do curso com outras áreas da saúde, pois acreditam que a Educação Física estaria mais direcionada para a área da saúde do que ao contexto da escola (NOGUEIRA, 2021). Tal fato remete a uma característica visível na IES, a de que o curso de bacharelado em Educação Física, apesar de ser mais recente, tem praticamente o triplo da quantidade de estudantes matriculados no curso de Licenciatura em Educação Física.

No entanto, nos chamou atenção o fato do acadêmico Campo Verde mencionar que já atua como *personal trainer* no município em que reside. Vale lembrar que, nos termos da lei nº 9.696/1998, elaborada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, somente profissionais de Educação Física **graduados** e devidamente registrados no Sistema CONFEF/CREFs podem ministrar atividades físicas, desportivas e/ou similares (BRASIL, 1998, grifo nosso).

Implicações das aulas remotas

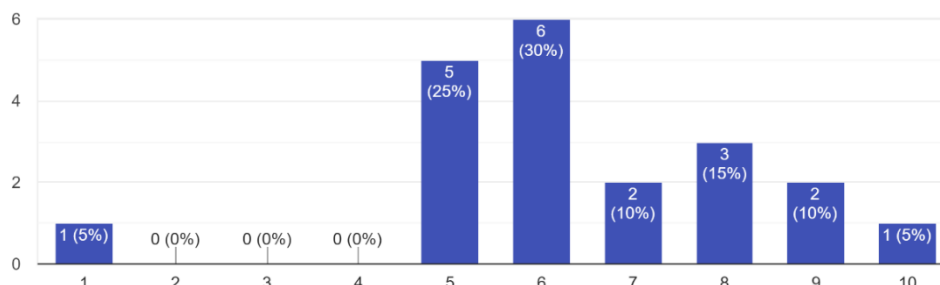
Após essa caracterização, avançamos para o segundo bloco de perguntas, que tem como referência a dinâmica das aulas remotas. Três principais questões foram tecidas nesta etapa, a saber: Qual seu nível de (in)satisfação com as aulas adotadas nesse período? Quais os motivos desta (in)satisfação? Quais as possibilidades/facilidades desta forma de ensino?

Sobre a primeira pergunta, elaboramos uma escala que vai de 0 a 10 pontos e, por meio dela, os acadêmicos apontavam seu nível de insatisfação. Pontuando que o número 0 significa a ausência de insatisfação e o número 10 é completa insatisfação. Foi possível mensurar que somente para um acadêmico (5%) o nível de insatisfação não alcançou os cinco pontos (metade da escala). Assim obtivemos: cinco acadêmicos (25%) apontaram a marca dos cinco pontos; seis acadêmicos (30%) apontaram a marca de número seis; três (15%) apontaram para a marca de número oito. Compreendeu-se, portanto, que o nível de insatisfação superou a média do que poderíamos classificar como tolerável para dezoito acadêmicos, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1. Nível de insatisfação dos acadêmicos.

Levando em consideração o contexto pandêmico, qual seu nível de (in)satisfação com as aulas adotadas no período de ensino remoto?

20 respostas



Fonte: Elaboração própria (2022).

Acreditamos que essa insatisfação já era esperada, pois o ensino remoto, como já abordamos, constitui-se em uma adaptação das aulas presenciais com base em um modelo mediado por tecnologias. No entendimento de Saviani e Galvão (2021), o “ensino” remoto possui algumas características inapropriadas para uma Educação crítica e questionadora, são eles: exclusão tecnológica, precarização e intensificação do trabalho docente, ausência de democracia e autonomia nos processos de adoção desse modelo.

Arrola-se a esse cenário uma tradição da formação profissional no bacharelado em Educação Física pautar-se prioritariamente a uma formação pelo “saber-fazer”. Nessa perspectiva, as disciplinas são geralmente construídas em uma rotina vivencial, que não dialoga com o saber da experiência⁴ defendido por Bondía (2002). Dessa forma, assemelha-se a uma outra racionalidade, em que ao viver técnicas e instrumentalizações na graduação, cria-se um arcabouço que pode ser reproduzido no mundo do trabalho. Por isso, o ensino remoto poderia condensar-se em um conflito significativo para esse modelo de educação.

Contudo, vale comentar brevemente que os índices de evasão⁵ e abandono das instituições educacionais não são maiores devido ao comprometimento de boa parte das professoras e dos professores que precisaram se preparar de forma imediata, na maioria das vezes, sem nenhum incentivo e investimento para encarar esse momento, realizando cursos, capacitações e treinamentos, em geral, depois de uma jornada extenuante de trabalho.

Para Martins e Silva (2020), as professoras e os professores de Educação Física conseguiram estabelecer uma dialética entre o seu “fazer docente” e o “pensar sobre o fazer”. Isso foi essencial para superação das dificuldades que foram se materializando e que, ao mesmo tempo, foram ampliando suas possibilidades no que diz respeito às capacidades, habilidades e atitudes, tendo seus valores e suas concepções pedagógicas, educativas, formativas, colocadas à prova e, com o potencial reflexivo, colaborativo e parceiro, foram fundamentais para a superação das situações-limite com vistas ao inédito viável.

Para ilustrar os principais motivos das insatisfações mencionadas pelos acadêmicos, contemplando a segunda pergunta desse bloco, elegemos oito respostas que explicitam as dificuldades de concentração e aprendizagem, a falta de uma dimensão experimental nas aulas, seguida da fragilidade das interações com os professores e, ao mesmo tempo, com os próprios alunos, como pode ser visualizado no quadro a seguir:

4 “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana em que a experiência é uma espécie de mediação entre ambos” (BONDÍA, 2002, p. 26).

5 Acreditamos que questões como dificuldades de aprendizado, evasão, desistência e abandono foram intensificadas nesse período, afinal de contas o ensino remoto vem sendo utilizado para “tampar um buraco”. O descompromisso de grande parte dos governantes com questões sanitárias foi o principal fator para que ele viesse a se estender.

Quadro 2. Principais motivos da insatisfação dos acadêmicos.

Acadêmicos	Respostas
Campo Verde	“Dificuldade de Aprendizagem, metodologias, comunicação, principalmente com a gestão”.
Farias Brito	“Tenho dificuldades para me concentrar nas aulas remotas”.
Alto da Cheia	“Tenho muitas dificuldades para acessar as aulas e absorver os conteúdos”.
Aterro	“As aulas presenciais se tornam mais proveitosas e melhores pensando nas características do nosso curso”.
Canoa Quebrada	“A didática não é a mesma das aulas presenciais”.
Castelo	“Não é uma forma viável de aprendizagem para um acadêmico de Educação Física, pois é uma área que envolve uma atuação presencial”.
Pedregal	“É que sou aluno que gosto de interação, as aulas no formato remoto não consigo ter bons resultados na minha aprendizagem”.
Largo da Cruz	“Dúvidas frequentes, convívio aluno/professor, costume de estar todos os dias na faculdade”.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Levando em consideração o contexto dessas insatisfações e dificuldades, de acordo com pesquisas realizadas e publicadas no Portal da Pebmed⁶, plataforma criada por médicos pertencentes à Universidade Federal Fluminense, os universitários brasileiros são os mais afetados pela pandemia. Prova disso foi um considerado aumento nos diagnósticos de ansiedade, insônia, pensamento suicida e outros impactos na saúde mental de sete em cada dez desses universitários. Problemas financeiros, perdas de amigos e familiares próximos, desconhecimento sobre novas tecnologias dividem o mesmo espaço com a pressão exigida nas tarefas acadêmicas, somado ao esforço para continuar aprendendo.

Em outra experiência, Silva *et al* (2021) sinalizam que mais da metade dos acadêmicos não conseguem manter um ritmo adequado de estudos, perdem a motivação em vários momentos ao longo da formação e não dispõem de um espaço adequado para leitura em suas residências. Esses fatores demonstram uma evidência dos desafios impostos pela Educação à distância ou mediada por tecnologias aos estudantes brasileiros.

Contemplando a última pergunta do primeiro bloco, direcionamo-nos para as principais possibilidades/facilidades encontradas pelos acadêmicos. Dentre tais possibilidades destaca-se: acompanhar as aulas da própria residência, não precisando se locomover e/ou pegar condução até a instituição e ao mesmo tempo não as perder, pois agora se tornou possível assisti-las em outros momentos que não sejam os dos horários habituais das disciplinas.

Quadro 3. Possibilidades/Facilidades no período de ensino remoto.

Acadêmicos	Respostas
Várzea da Matriz	“Ser realizadas em casa sem ter que pegar transporte”.
Boca do Forno	“Possibilidade de rever as aulas gravadas caso a gente não possa assistir no dia”.
Campo Verde	“Bom para quem gosta desse tipo de ensino, é a facilidade, a forma e rapidez em certos âmbitos, como acesso aos livros e conteúdos”.

6 SAÚDE mental e Covid-19: universitários brasileiros são os mais afetados pela pandemia. Portal PEBMED. Disponível em: https://pebmed.com.br/saude-mental-e-covid-19-universitarios-brasileiros-sao-os-mais-afetados-pela-pandemia/?utm_source=artigoportal&utm_medium=copytext. Acesso em: 10 out. 2022.

Córrego do Rodrigues	“Tem a facilidade de poder acompanhar as aulas do local onde você estiver sem a necessidade de se deslocar até a faculdade. Também podendo reunir um maior número de alunos que numa sala de aula não caberia”.
Vila Marítima	“É melhor o acesso das aulas. Se a gente perder o horário, podemos ver a aula depois e os todos os conteúdos que estão sendo trabalhados”.
Santa Tereza	“A junção de trabalhos de forma interdisciplinar, realização de mais eventos científicos como palestras”.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Até parece contraditório o fato de os acadêmicos mencionarem elevadas dificuldades de aprendizagem nesse formato, mas mesmo assim desejarem continuar participando das aulas a partir dos lugares em que se encontram. Não ficou devidamente claro se o fato de nove acadêmicos estarem exercendo alguma atividade profissional contribuiu para essa escolha ou se a ausência de outra proposta de ensino no período da pesquisa favoreceu esse resultado.

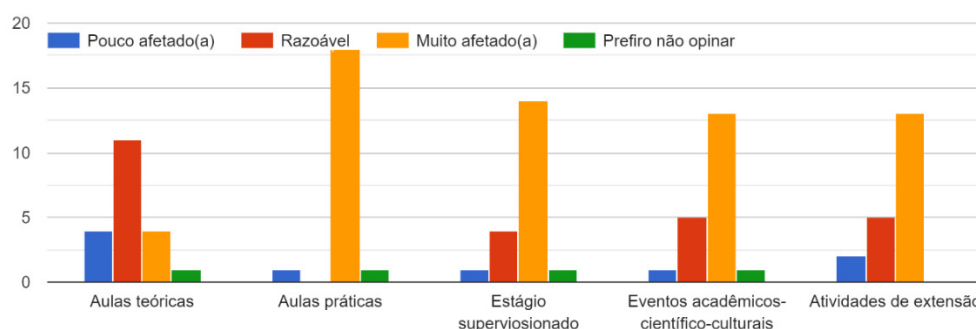
Identificamos que nessa situação de “entre-lugares” (BHABHA, 2001), a condição do discente do Ensino Superior deveria ser analisada com maior riqueza de detalhes, tendo em vista que o estudo verificou que uma parcela significativa dos colaboradores trabalha e estuda e muitos já assumem um papel de importância em seus arranjos familiares. Essa dinâmica foi reconfigurada no contexto pandêmico, principalmente no que deveria ser priorizado. Em muitos casos, a formação profissional não era priorizada por questões relacionadas à família, ao trabalho, à distância e à saúde.

A Formação em Educação Física

Em nosso último bloco de análise, buscamos elaborar perguntas referentes à formação em Educação Física, mais especificamente, debruçamo-nos sobre as atividades do curso que mais foram afetadas, como ocorreu a comunicação e interação com os sujeitos que fazem instituição e, por fim, quais os aprendizados e as situações limitantes que o futuro professor terá por conta do atual momento. As respostas da primeira pergunta podem ser visualizadas no seguinte gráfico:

Gráfico 2. Atividades do curso de Educação Física mais afetadas.

Em sua percepção, quais as atividades do curso de Educação Física foram mais afetadas



Fonte: Elaboração própria (2022).

Como podemos observar, tudo que dá corpo ao Ensino Superior (ensino, pesquisa e extensão) foi, de certo modo, comprometido nesse período. Sobressaíram-se como atividades fragilizadas, mais do que qualquer outra, as aulas práticas e os estágios supervisionados. Como já dito, a Educação Física se diferencia das outras áreas de conhecimento pela perspectiva da prática como possibilidade de aprendizado real. Essa prática enquanto lugar central de mobilização, pressupõe momentos de produção de saberes e competências (TARDIF, 2005).

Na medida em que os colaboradores informam que as aulas práticas foram acentualmente prejudicadas, parece-nos razoável reconhecer que reproduzir o ambiente de ensino experimental, costumeiramente implicado em algumas disciplinas da graduação que “ostentam” esse posicionamento de aulas práticas, uma ruptura quase que fatal, pois não seria possível implementar essa lógica por meio do ensino remoto.

O que se deve observar é que o ensino baseado em uma relação entre o saber-fazer e saber sobre o fazer não pode perder de vista o saber-ensinar sobre o fazer e o saber-fazer, pois, em nossa percepção, o que os achados estão apontando versa sobre um modelo de educação muito tecnicista e reprodutivista que, em situações de excepcionalidade como o ensino remoto em tempos pandêmicos, não consegue romper com a racionalidade de que para aprender sobre determinada ciência, deve ser utilizado, obrigatoriamente, o mecanismo do conhecimento procedimental.

Todavia, o ponto fulcral dessa nossa inferência se baseia em princípios basilares em defesa e reconhecimento de um conhecimento da formação profissional, no bacharelado em Educação Física, que estão amparados em um saber que não pode ser alcançado pelo puro pensamento; é um saber orgânico só possível com as práticas corporais, não é um saber que se esgota em um discurso sobre o corpo/movimento, ou seja, um saber que brota do saber se movimentar, o sentir movimentar-se e o saber sobre esse movimentar-se (BETTI, 1994, 2005), porém, jamais essa lógica pode ser disfarçada por uma ideia de educação predominantemente procedimental que, pelo menos, na área da licenciatura em Educação Física, a produção do conhecimento tem assumido o enfrentamento há alguns anos.

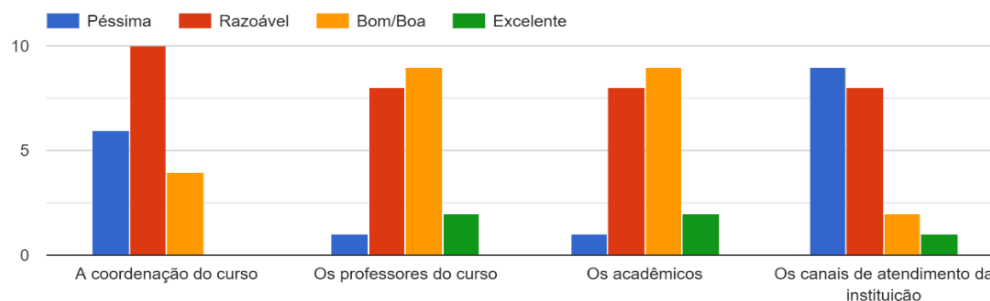
Foi possível depreender também que os professores procuraram desenvolver, pelas condições que tinham, uma abordagem mais voltada para questões teóricas. Foram nítidas, nesse período, aulas sobre marcos históricos, conceituais e políticos de vários conteúdos, mesmo aqueles caracterizados pela prática (procedimento) como os esportes, as ginásticas, as danças, dentre outros. Nessa linha afirma (MELO *et al.*, 2021, p. 15):

A pausa no ensino presencial devido à Covid-19 refletiu em uma série de desafios, dentre eles, a inviabilização do prosseguimento das aulas práticas laboratoriais e clínicas nos cursos na área da saúde, além da falta de capacitação para uso das ferramentas digitais, tanto por parte dos educadores quanto pelos alunos, além do impacto para os discentes em vulnerabilidades socioeconômicas, que não possuem acesso à Internet e aparelhos eletrônicos.

De posse dos resultados sobre as fragilidades e possibilidades do ensino remoto e suas implicações na formação do bacharel, restou-nos saber como vem ocorrendo a comunicação e interação entre os acadêmicos e os demais setores da Instituição de Ensino, assunto da próxima subseção.

Gráfico 3. Comunicação e Interação.

Como foi sua comunicação e interação neste período com:



Fonte: Elaboração própria (2022).

O gráfico torna cristalino que as melhores interações foram entre os próprios acadêmicos e com os professores. Por essa razão, valorizamos que a classe docente não deixou de trabalhar um único dia sequer desde que a pandemia iniciou (MARTINS, 2021).

Todavia, se faz necessário analisar com serenidade quais fatores contribuíram para essa “falha” na comunicação, sobretudo com os canais de atendimento. Acreditamos que o distanciamento e as novas formas de interação mediadas por aplicativos e *softwares* entre as pessoas acarretaram maiores problemas de acesso a informações, justamente pela própria dinâmica das questões sanitárias, que com o agravamento ou a melhora do quadro da pandemia no país, ocasionava alterações significativas nos estabelecimentos de ensino, como por exemplo a liberação de atividades presenciais e mudanças nos protocolos de biossegurança.

Mesmo com toda essa dinâmica, inquietamo-nos para saber se algum aprendizado foi possível diante desse cenário. Na penúltima pergunta que compunha o questionário, os acadêmicos foram questionados se houve algum aprendizado nesse período que pudesse ir além dos saberes das disciplinas tradicionais. Dessa forma, elaborou-se o seguinte questionamento: em sua percepção, o que o futuro professor de Educação Física pôde aprender por conta desse momento?

Quadro 04. Aprendizado possível durante o ensino remoto.

Acadêmicos	Respostas
Várzea da Matriz	“De como se planejar, inovar e buscar ainda mais conhecimentos para superar as grandes dificuldades em que estamos”.
Aterro	“A ser mais humano, sempre buscar entender se o aluno está passando por algum momento difícil”.
Campo Verde	“De que a comunicação com os alunos é de suma importância, não só para alunos de educação física, mas sim para todos em geral”.
Castelo	“De que até à distância existe a possibilidade de ensino”.
Cohab	“Esse momento irá nos mostrar que tudo é imprevisível e que devemos estar preparados para qualquer situação”.
Córrego do Rodrigues	“A trabalhar em cima das dificuldades que surgiram nesse momento”.
Pedregal	“Apreendeu a se reinventar como os demais professores de outras áreas, tentando da melhor forma possível repassar o conteúdo necessário”.
Largo da Cruz	“Deve se atualizar em geral, não apenas se submeter em apenas sua área”.

Vila Marítima	“O maior contato com a tecnologia nos mostrou outras possibilidades de trabalho. Tivemos que nos adaptar e procurar a melhor forma de trabalhar, apesar das limitações”.
Porto Canoa	“O professor de educação física e sempre reverenciado, muito criativo, nesse momento os professores estão sendo muito criativos pela dificuldade do momento que passamos”.
Santa Tereza	“O uso de outras ferramentas para poder apresentar o conteúdo e manter a interação com o aluno. Aproveitar a oportunidade para criar novas formas de ensino”.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Podemos articular com base no quadro que os acadêmicos, além apontarem para uma dimensão humanista em que se opte por valorizar o contexto social, reconhecem que apenas os conhecimentos técnicos, ou seja, os saberes das disciplinas não lhes bastam para lograr êxito em suas futuras profissões, ainda mais com a catalisação de novas tecnologias no campo da Saúde, no qual se observa uma utilização acentuada de aplicativos, programas de treinamento e *softwares* cada vez mais especializados.

Diante desse reordenamento, Lacerda (2018, p. 57) ao se referir sobre o esgotamento das alternativas tradicionais de ensino na contemporaneidade, pontua que “o professor passa cada vez mais a ter uma centralidade no ensino. Ele é responsável pelas ações dos alunos, impõe o ritmo das atividades, vive a solidão de sua tarefa”. O entendimento por parte dos acadêmicos das várias facetas da profissão, assim como a clareza em perceber a assunção de demandas que antes não existiam, favorece o entendimento da complexidade, das características e dos desafios da época, além da necessária formação permanente.

Em contraste às possibilidades de aprendizado na instituição, o quadro a seguir apresenta as principais fragilidades que os acadêmicos destacaram para futura atuação profissional. Notadamente, as respostas giraram em torno da falta de aulas práticas, lógica de ensino que é o axioma desse tipo de formação, pressupondo certa instrumentalização, procedimentos e técnicas realizadas pelos professores.

Quadro 5. Principais fragilidades para futura atuação profissional.

Acadêmicos	Respostas
Boca do Forno	“Práticas que poderiam ter sido feita caso as aulas fossem presenciais.
Campo Verde	“Talvez dificuldade em aulas práticas”.
Castelo	“A principal limitação vai ser a interação com o aluno, principalmente na parte prática”.
Cohab	“As limitações e a falta de práticas e exercícios presencial”.
Córrego do Rodrigues	“A limitação maior é a falta de contato com os alunos. E não saber quando poderá a voltar ministrar suas aulas com excelência no espaço da faculdade”.
Pedregal	“Parte de orientação presencial”.
Vila Marítima	“Não vivenciou aulas práticas que são fundamentais para a nossa profissão”.
Santa Tereza	“O profissional recém formado não ter tido o contato com a prática necessário para ensinar”.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Vale a pena evidenciar essa discussão em torno das respostas obtidas tendo como referência a recente Resolução de nº 6, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Educação Física. Nessa

resolução, está expresso que os cursos de Educação Física terão carga horária referencial de 3.200 horas, sendo divididas em uma etapa comum (Núcleo de estudos de formação geral) e uma etapa específica (Formação específica para bacharelado ou licenciatura), ambas com a metade da carga horária total, ou seja, 1.600 horas (BRASIL, 2018).

Na etapa específica que versa sobre as atividades práticas na formação do bacharelado, a resolução, em seus artigos 22 e 23 respectivamente, salienta que o curso deverá conter 20% das horas referenciais destinadas aos estágios supervisionados e que outras atividades de cunho prático deverão ser distribuídas ao longo do currículo, preferencialmente articuladas a disciplinas já existentes, somando-se assim mais 10% das horas referenciais (BRASIL, 2018).

Por se pautar nessa lógica, é notório que a prática como componente curricular tem lugar privilegiado no curso de bacharelado em Educação Física, isso ocorre provavelmente pela dinâmica que se instituiu mesmo antes da pandemia, pois a ausência de um aprendizado mais materializado ou técnico era o principal motivo da angústia dos acadêmicos, que, de forma ainda imatura, enxergam a prática como uma possível receita pronta. Já as aulas com questões dialogadas à luz de concepções filosóficas, sociológicas e didáticas têm sido delegadas a um segundo plano, pois não houve nenhuma menção nas respostas obtidas.

Essa relação dicotômica (teoria e prática) converge com o pensamento de Souza Neto e Benites (2013, p. 2), pois para os autores, muitos professores da graduação “não assumem o seu papel de formadores de professores, ficando esta tarefa para os professores de currículo, de didática específica e de prática pedagógica, como as disciplinas de estágios”.

Considerações Finais

Antes de qualquer encaminhamento final, gostaríamos de salientar que o intuito desta pesquisa em nenhum momento foi desqualificar a maneira como foram conduzidas as aulas de Educação Física na referida IES; mas sim, analisar o cenário da formação em Educação Física mediante a visão dos discentes e as implicações provocadas pelo ensino remoto, tendo como referência o trabalho implementado nessa experiência. Podemos afirmar que um dos grandes contributos desta proposta investigativa se deu em explicitar determinadas situações limitantes que se passam despercebidas, como a ausência de propostas alternativas para aqueles acadêmicos trabalhadores que, certamente, se encontrarão em maiores dificuldades quando as aulas presenciais forem retomadas.

Por outro lado, já é sabido que mais do que a simples reprodução e transferência das atividades presenciais, têm-se, mais do que nunca, que possibilitar experiências de aprendizagem virtuais que incorporem processos de desconstrução e que promovam ambientes de aprendizagem acolhedores nas plataformas escolhidas, pois como visto, mesmo no segundo ano de pandemia, os acadêmicos ainda relataram dificuldades para o aprendizado e o desconhecimento de questões meramente técnicas, como não conseguir acesso imediato às aulas virtuais.

Ademais, o cenário educacional decorrente da pandemia por Covid-19 também nos fez voltar o olhar para a estrutura dos cursos de bacharelado em Educação Física, uma vez que foi possível tecer nítidos apontamentos para algumas fragilidades dessa formação específica, que se caracteriza, grosso modo, pela combinação de conhecimentos teóricos e práticos, além de especular sobre os conhecimentos indispensáveis para que o egresso possa lograr êxito em sua futura profissão. Por meio dos objetivos traçados, acreditamos que esses dois anos de uma formação fragilizada poderá comprometer a atuação de toda uma geração de profissionais, sobretudo no que concerne a área da prevenção e promoção da saúde.

No entanto, a temática da formação do futuro bacharel em Educação Física no período pandêmico precisa ser analisada com maior propriedade, utilizando-se de outros métodos, técnicas e sujeitos. As propostas de entrevistas ou grupos focais tornam-se pertinentes para o aprofundamento das discussões aqui suscitadas, dentre elas podemos aclarar o motivo dos acadêmicos, ao mencionarem não terem um bom aproveitamento das disciplinas, preferirem assistir as aulas de onde estiverem, mesmo não obtendo nenhuma redução no valor de suas mensalidades e quais os motivos fizeram com que a falta de aulas práticas fosse destacada como a principal fragilidade encontrada neste período.

Enfatizamos que é imprescindível a discussão de como será a retomada do ensino presencial no tocante às aulas práticas de Educação Física, pois até o presente momento, falta um discurso mais assertivo dos representantes, conselhos e entidades científicas da Educação Física, seja de caráter nacional ou estadual, acerca das orientações e dos procedimentos para os professores das disciplinas de cunho prático, já que estas são conhecidas pelo contato corporal durante as aulas, sendo o corpo, em sua complexidade, lugar de experiência humana. Dentre o rol destas disciplinas destacam-se as Ginásticas, Danças, Jogos, Esportes, Lutas dentre outras.

Em vista disso, essa proposta investigativa não teve a proposição de se esgotar nessas linhas. Faz-se imprescindível a reflexão se as implicações decorrentes do ensino remoto nas aulas de Educação Física no período pandêmico poderão ser consideradas pela comunidade científica e acadêmicos como marcas de um novo legado ou simplesmente uma mera narrativa.

Referências

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em Educação? **Revista da FAEEDBA**, v. 22, n. 40, 2013.

AMARAL, Eliana; POLYDORO, Soely. Os desafios da mudança para o ensino remoto emergencial na graduação na Unicamp–Brasil. **Linha Mestra**, n. 41a, p. 52-62, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BETTI, Mauro. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.3, p. 183-197, 2005.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**. São Paulo, n. 3, out. 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. O debate Rorty/Habermas: implicações para a relação entre a teoria e a prática pedagógica na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei N° 9696, de 1 setembro de 1998**. Brasília: 1998. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CES N° 6, de 18 de dezembro de 2018**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104241-rces006-18/file>. Acesso em: 12 set. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria n° 343, de 17 de março de 2020**, Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CARLOMAGNO, Márcio Cunha. Conduzindo pesquisas com questionários online: Uma Introdução as Questões Metodológicas. **Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais**, p. 31, 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GONÇALVES, Ailton de Souza; LOPES, José Ivan; SANTOS, Glauciene Mendes dos. A crise em

decorrência da pandemia da covid-19 à luz da filosofia. **Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia (Finom)**, Minas Gerais, v. 25, p. 134-143, ago. 2020.

LACERDA, Cecília Rosa. **Saberes profissionais e aprendizagem da docência no ensino superior**. 1. ed. Fortaleza: EDUECE. 2018.

MARTINS, Raphaell Moreira. A interseccionalidade do medo e da ousadia no retorno às aulas presenciais de Educação Física em tempos pandêmicos. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, p. 89-105, set. 2021.

MARTINS, Raphaell Moreira; SILVA, Maria Eleni Henrique. Reflexos da pandemia na educação física escolar: uma reflexão possível à luz de Paulo Freire. *In*: SILVA, M. E. H.; MARTINS, R. M. (org.). **Pressupostos freireanos na educação física escolar: ação e movimentos para a transformação**. Curitiba: CRV, 2020.

MASCHIO, Vanderléia *et al.* As motivações para a escolha do curso de licenciatura em Educação Física: um diálogo com acadêmicos em formação inicial. **Boletim Brasileiro de Educação Física**, Brasília, n. 73, p. 1-9, 2009.

MELO, Cláudia Batista; FARIAS, Gabrieli Duarte; MOISÉS, Larianne de Sousa; BESERRA, Letícia Regina Marques; PIAGGE, Carmem Silva Laureano Dalle. Ensino remoto nas universidades federais do Brasil: desafios e adaptações da educação durante a pandemia de COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e4049119866, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9866.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, p. 139-153, jul. 2018.

MONTEIRO, Renata Lúcia de Souza Gaúna; SANTOS, Dayane Silva. A utilização da ferramenta google forms como instrumento de avaliação do ensino na escola superior de guerra. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (Online)**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 28-38, 24 dez. 2019.

NOGUEIRA, Pedro Henrique Silvestre. **Práticas curriculares: um estudo com professores de Educação Física do município de Eusébio-CE**. 2021. 145 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2021. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=102959>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PIFFERO, Eliane de Lourdes Fontana *et al.* Metodologias ativas e o ensino remoto de biologia: uso de recursos online para aulas síncronas e assíncronas. **Research, Society And Development**, [S. l.], v. 9, n. 10, p. 01-18, 19 set. 2020. Research, Society and Development. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8465>.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na Pandemia: a falácia do “ensino” remoto. Universidade e Sociedade. **Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior**, n. 67, p. 36-49, 2021.

SILVA, Milena Rodrigues *et al.* Percepções dos estudantes de medicina acerca do ensino remoto durante a pandemia do novo coronavírus. **Diálogos & Ciência**, v. 1, n. 42, p. 21-30, 2021.

SOUZA NETO, Samuel de; BENITES, Larissa. Os desafios da prática na formação inicial docente: experiência da Educação Física da UNESP de Rio Claro. **Cadernos de Educação**, n. 46, p. 1-22, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos; MEYER, Patrícia; CONTRERAS, Ricardo. Análise de dados qualitativos nas pesquisas sobre formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 53, p. 909-935, 2017.

Recebido em 17 de janeiro de 2022.
Aceito em 19 de dezembro de 2022.